

## A Inserção Profissional no Mercado de Trabalho face às Habilidades Adquiridas na Formação Superior em Turismo

Thiago Duarte Pimentel<sup>1</sup>  
Sara Conceição de Paula<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta um levantamento realizado junto aos egressos com intuito de descrever as percepções e expectativas dos graduados do curso de turismo quanto à formação profissional e qualificação em turismo, antes, durante e após a sua formação superior a fim de correlacionar estas informações à sua inserção e posição atual no mercado de trabalho. Parte de uma revisão teórica sobre formação profissional no Brasil. Utiliza metodologia quanti-qualitativa para analisar os dados relativos a pesquisa de campo efetuada com os ex-alunos da Universidade Federal de Juiz de Fora/MG. Evidencia as características sociodemográficas dos pesquisados, seus percursos formativos na graduação, as habilidades adquiridas e a sua atual posição no mercado de trabalho. Conclui apontando uma correlação entre o investimento na aquisição de habilidades e competências, curriculares e extracurriculares, e a inserção e posição no mercado de trabalho, por parte dos egressos, bem como sua satisfação pessoal.

**Palavras-chave:** Educação superior. Qualificação profissional. Mercado de trabalho. Turismo.

### 1. Introdução

O turismo vem obtendo cada vez mais destaque no mundo, tanto pela questão econômica como pela social que envolve. Certamente, esse crescimento econômico aliado à sua dependência de mão de obra tem demandado cada vez mais a incorporação de trabalhadores à atividade turística, mas, sobretudo, de trabalhadores cada vez mais qualificados. Para fornecer essa qualificação esperada pelo mercado de trabalho e à prática profissional, empresas privadas e entidades governamentais relacionadas à educação tem ofertado cursos, em diferentes níveis de qualificação e para diferentes públicos, constituindo assim parte integrante do processo de formação-qualificação-exercício profissional da atividade turística.

Segundo Tribe (2008) a área de educação em turismo, tanto em níveis técnico e tecnológico quanto em nível superior – e sobretudo neste – vem apresentando cada vez mais

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora/UFJF. Mestre em administração pelo CEPEAD/UFMG. Bacharel em turismo pela UFMG. Endereço: Departamento de Turismo (DepTur), sala A-IV-46. Instituto de Ciências Humanas /UFJF. Minas Gerais/MG - Brasil. Rua José Lourenço Kelmer, Campus Universitário, São Pedro. CEP.: 36036-330. Email: [thiagodpimentel@gmail.com](mailto:thiagodpimentel@gmail.com).

<sup>2</sup> Discente do curso de administração e bolsista de iniciação científica UFJF. Email: [sara.angrense@gmail.com](mailto:sara.angrense@gmail.com)

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

importância e atraindo um maior corpo de pesquisa. No Brasil, de acordo com Trigo (2008), assiste-se atualmente ao desenrolar de uma nova fase de desenvolvimento da atividade turística. Embora esteja passando por transformações qualitativas no período atual, a formação na área de turismo não é tão recente. Ela surgiu na década 1970, com a criação dos primeiros cursos de turismo no Brasil, se destacando como pioneira a Universidade Anhembi Morumbi (SP), cujo perfil profissionalizante do egresso era voltado para a formação de mão de obra de suporte para o setor turístico (DENCKER, 2006). Durante o regime da ditadura militar, na década de 1970, o país deu prioridade de incentivos e investimentos a megaprojetos de criação de hotéis de luxo para estrangeiros focalizados na demanda – ainda pontual e incipiente – de turistas estrangeiros de elevado poder econômico (TRIGO, 2008).

No entanto na década de 1980, devido aos problemas econômicos do país, ocorreu uma relativa estagnação do turismo e da oferta de cursos, técnicos ou superiores, na área. Mas, com a abertura econômica do país na década de 1990, a estabilização financeira e a retomada de investimentos estrangeiros (LACERDA, 2006), houve uma repentina e prolongada expansão da oferta de cursos, sobretudo, superiores, no país. Dentre esses se iniciaram, em larga escala, e se popularizaram os cursos de turismo, já que havia um apelo a esta atividade em âmbito mundial e expectativas – a partir de um discurso normativo das nações centrais – de geração de emprego e renda nos países subdesenvolvidos com pouco investimento já que estes países teriam uma ‘vocação’ natural a ser explorada.

Já no período de 1990 ao início dos anos 2000, houve uma segunda fase do turismo caracterizada por um crescimento do turismo global de maneira sistemática (TRIGO, 2008). Com a redemocratização política, aliado a novos investimentos estatais e privados, internos e externos, houve uma onda de otimismo e entusiasmo num sentido que extrapolava a abertura de empresas no setor. Passou-se, assim, a uma fase de qualificação da mão-de-obra para a atividade, então já razoavelmente instalada, por meio da criação de inúmeros cursos de turismo. Somado a isso, a expansão de empresas já existentes, criando megaempreendimentos, como a Soletur, a Varig, a Vasp, entre outras, demandando em maior número e com maior qualificação pessoas para atuarem no setor.

Nesse contexto de renascimento econômico aliado a popularização do turismo nos países “subdesenvolvidos”, como meio de gerar excedente econômico e talvez desenvolvimento, (a partir de um baixo investimento e mobilização de capital e uma alta exploração de recursos naturais) é que se deu, então, a popularização (como uma saída alternativa) e o “boom” dos cursos de turismo ocorreu na década de 1990, onde se pode observar uma grande oferta de vagas de cursos superiores em turismo nas universidades privadas e, mais tardiamente, no início dos anos 2000 o surgimento deste nas universidades públicas do país.

Contudo, apesar desses incrementos quantitativos, apesar das necessidades latentes do mercado de trabalho, a formação profissional em turismo foi – e ainda é – taxada como deficiente.

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Hoerner e Sicart (2003), tomando como partida o contexto francês e europeu, afirmam que cerca de 80% dos egressos dos cursos de turismo não trabalham na área. No Brasil há um “[...] consenso existente entre a carência de profissionais qualificados, a ampla oferta de cursos superiores de turismo e o comum cenário de desemprego entre os profissionais da área” (MOTA, 2007, p.43). A fase atual, considerada por Trigo (2008) como um terceiro momento, do desenvolvimento turístico no Brasil, é marcada, segundo o autor, pela retomada de investimentos em infraestrutura, pela política de transportes e por uma transformação qualitativa no sistema educacional, tanto técnico quanto superior, no tocante ao turismo. Nesta nova fase, há uma ênfase em exigências, qualidade, competitividade e segmentação.

Hoje em dia, no Brasil, diante das circunstâncias que o curso de turismo vem enfrentando, como: (1) os elevados índices de não absorção dos profissionais formados pelos cursos de turismo pelo mercado de trabalho, (2) os elevados índices de desistência, trancamento, reopção, obtenção de novo título, etc. que marcam a rotina administrativa destes cursos, e (3) a falta de uma visão clara por parte dos egressos/entrantes sobre a profissão e o perfil profissional que a mesma requer; tem havido uma retração do mercado (de formação profissional superior), o fechamento de cursos da iniciativa privada e a revisão do perfil profissional, por parte dos cursos remanescentes, sobretudo, nas universidades públicas, onde a possibilidade de extinção do curso é mais remota. Nestas têm havido uma sistemática reavaliação do currículo e dos projetos pedagógicos dos cursos de turismo e seu posicionamento, sobretudo, nas IFES (Instituições Federais de Ensino Superior), já que abrangem a maior malha remanescente da oferta de cursos de turismo.

Diante deste cenário é levantado a hipótese de que talvez esta questão esteja relacionada à existência de diferentes expectativas por parte dos atores envolvidos no processo, sejam eles os alunos, que demandam um curso de qualificação, em um determinado nível; as instituições de ensino, que são responsáveis pela oferta de cursos e formação dos currículos; e, numa terceira ponta, o mercado de trabalho, que demanda profissionais qualificados para solucionar problemas técnicos em situações reais. Esta hipótese deu origem a condução de uma pesquisa quanti-qualitativa realizada na cidade de Juiz de Fora/MG que tinha o intuito de identificar as expectativas de cada um desses grupos do *trade* turístico local em relação à atividade turística em si e quais as competências necessárias para a construção de um saber específico do turismólogo.

O presente artigo relata apenas parte dos resultados da supracitada pesquisa, a saber: os atuais profissionais de turismo. Nosso objetivo aqui é apresentar um levantamento realizado junto aos egressos -- graduados inseridos no mercado de trabalho -- com intuito de descrever as percepções e expectativas dos graduados do curso de turismo quanto à formação profissional e qualificação em turismo, antes, durante e após a sua formação superior a fim de correlacionar estas informações à sua inserção e posição atual no mercado de trabalho. Tomamos como locus de estudo para realização desta pesquisa o cenário da cidade de Juiz de Fora (MG).

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

O presente estudo está organizado em quatro partes, além desta introdução. Na primeira, balizamos-nos teoricamente na literatura sobre o mercado de trabalho, os cursos e a formação profissional em turismo e também sobre a formação da identidade profissional. Em seguida, apresentamos os aspectos metodológicos que nortearam esta pesquisa, sua natureza quantitativa, etapas e processo de coleta de dados, as técnicas de análise, bem como as limitações deste estudo. Posteriormente, discutimos os resultados encontrados, apresentando as expectativas dos atuais alunos e dos egressos em relação ao curso de turismo da UFJF. Por fim, apontamos as principais considerações que esta pesquisa permitiu chegar, suas limitações e sugestões para estudos posteriores.

## 2. Atuação Profissional e Mercado de Trabalho em Turismo

O surgimento oficial da atuação profissional em turismo é comumente creditado e datado de 1841 através de Thomas Cook na Inglaterra, pois de acordo com Ansarah (2009) este foi o primeiro agente de viagens a dedicar tempo integral a profissão. Segundo Tomelin (2001) Thomas Cook fundou a primeira agência de viagens registrada no mundo, cuja primeira experiência teria se dado ao alugar um trem e revender seus bilhetes de passagem para 570 pessoas, que foram transportadas de Longorrough (UK) para Leicester (UK) para participar do encontro contra o alcoolismo. Além de, em 1872, Cook inaugura a primeira agência de viagens fora da Europa promovendo outras viagens pela Europa e Estados Unidos, desenvolvendo também atividade de guia turístico. Ao fazer isso, inicia-se o processo de intermediação necessário para o surgimento deste novo produto: o pacote turístico, e de sua prática social: o turismo de massa.

Atualmente, o mercado de trabalho do turismo pode ser dividido em atividades primárias e secundárias. As primárias seriam aquelas como as agências de viagens, de guia turístico; enquanto as secundárias seriam aquelas de eventos, aluguel de carros, entretenimento, entre outros. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em sua pesquisa sobre o mercado de trabalho do setor de turismo no Brasil, estudou as principais atividades relacionadas ao turismo: alojamento, alimentação, transporte, auxiliares do transporte, agências de viagens, aluguel de transporte cultura e lazer. O resultado deste estudo apontou que a participação do emprego formal em atividades características do turismo na economia brasileira em 2004 era cerca 712.195 mil, ou seja, 2,3 % do total de emprego no Brasil.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2007, os trabalhadores das atividades características do turismo recebiam uma média de R\$ 6,1 mil ao ano. Contudo essas remunerações sofrem variações de uma atividade para outra, sendo que o transporte aéreo era o de melhor remuneração e o serviço de alimentação o de menor remuneração. Seguindo ainda a pesquisa do IBGE as Atividades Características do Turismo geraram em 2007, uma produção de R\$ 168,8 bilhões e representava 10,1% do total do setor de serviços e 6,2% do total da economia.

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

O mercado de trabalho de um profissional em turismo oferece uma ampla diversidade no que diz respeito à sua possibilidade de inserção no mercado de trabalho. Segundo Mota (2007) há vários campos de atuação do mercado de trabalho do turismo sendo estes: órgãos oficiais de turismo; setores de recreação e lazer programados; atividades privadas tais como agências de viagens e turismo, hotelaria, restaurantes, setores de transporte e eventos; centros de informações e pesquisa turísticas e outros.

Ruschmann (2002, p. 6) “com esse mercado de trabalho tão amplo não deveria haver obstáculos na absorção plena dos graduados em turismo pelas empresas do setor”. A diversidade do mercado de trabalho serve como estratégia para as universidades, pois é uma forma de atingir um amplo público e maior busca pelo curso (MOTA, 2007). Porém, apesar de sua amplitude em termos de postos de trabalho, em sua maioria essas atividades se apresentam mais como ocupações do que como atividades profissionais. Além disso, quando são consideradas atividades profissionais elas se colocam numa intersecção de vários campos de formação não sendo atividades profissionais específicas dos turismólogos, que exigem uma formação própria e que restringem a prática profissional daqueles que não a detém.

Assim, apesar de se relacionar com diversas áreas e fornecer múltiplas possibilidades de inserção profissional, por outro lado, são poucas as áreas que carecem de uma formação profissional específica em turismo. Deste modo, há um descompasso entre a formação profissional superior em turismo e sua absorção pelo mercado, chegando-se a constatar que a maioria destes profissionais egressos de cursos superiores estão desempregados ou trabalhando em outra área (MOTA, 2007; HOERNER; SICART, 2003).

Pode-se sugerir que este problema do mercado de trabalho em turismo é um problema de fundo, que apresenta, pelo menos, dependência de dois fatores. De um lado, uma questão macroeconômica que, de certo modo, explica e condiciona a atividade em função de sua interdependência em relação ao mercado como um todo e às outras atividades interrelacionadas à produção e consumo da sociedade (RUSCHMANN, 2002; GAIO; FERNANDES, 2006; LACERDA, 2007). E, de outro, uma questão específica que se volta para os aspectos inerentes às práticas profissionais dos turismólogos e também dos profissionais, que de um modo geral, trabalham com o turismo (ANSARAH, 2002; MACHADO, 2006).

Quais seriam as atividades que esses profissionais exercem? Seriam as mesmas atividades? Desde uma agência, passando por um hotel até chegar a um estabelecimento ou empreendimento de atrativo turístico? E quanto ao grau de complexidade, hierarquia e decisão-ação? Seriam as mesmas atividades executadas pelo profissional de turismo que trabalha na recepção de um hotel idênticas as daquele que atua em uma secretaria de turismo?

Com relação à questão macroeconômica do mercado turístico, segundo Ruschmann (2002) e Gaio e Fernandes (2006), um dos motivos da não necessidade de aceitação dos profissionais com curso superior em turismo nas empresas de trade é que o mercado formou-se antes de existir

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

mão-de-obra qualificada, construindo assim uma cultura de trabalho própria embasada no conhecimento empírico. Somado a isso Ruschmann (2002) ainda relata que ainda há o fato de, no momento atual, haver uma retração na absorção dos profissionais de turismo pelo mercado turístico devido à crise econômica. Contudo a autora ainda afirma que o que agrava mais este problema de emprego do profissional em turismo é que muitas empresas preferem dar preferência aos profissionais de outras áreas, pois algumas alegam não ser necessário contratar profissionais com títulos específicos na área, porque acabaria exigindo salários mais altos.

Em sua pesquisa sobre atuação profissional dos egressos do curso de turismo, em uma IES (Instituição de Ensino Superior) de Belo Horizonte (MG), Machado (2006) identificou que, quando questionados sobre sua inserção no mercado de trabalho, cerca de 36,6% atuava, sendo que destes quase a metade (45,4%) atuavam em agências de viagem, 27% em hotéis e 18% em eventos e 9% em companhias aéreas. Daqueles que não atuavam no turismo (63,4%) da amostra, 31,5% estavam desempregados. Também observou-se que o salário mensal médio dos entrevistados que não atuavam no turismo era superior ao dos que atuavam, ficando acima dos R\$1.000,00, enquanto o destes ficava abaixo deste valor.

Outro fator relacionado à absorção (ou não) dos profissionais de turismo pelo mercado de trabalho diz respeito às competências do trabalhador, geralmente avaliadas indiretamente pela sua formação. Gaio e Fernandes (2006) argumentam que os cursos de bacharelado em turismo vêm formando profissionais para cargos gerenciais, enquanto a maioria dos empregos na área do turismo se concentra em áreas operacionais.

Hoemer e Sicart (2003) identificam que a ausência de uma adequada identificação e descrição do fenômeno turístico, em termos de seu aspecto organizativo e estruturado da atividade, que indiretamente pode ser observado pelo conjunto de organizações (e sistemas sociais) que compõem a atividade turística, sobretudo, devido à adoção de definições técnicas e – na visão destes autores – imprecisas por parte da OMT, contribuem para uma desconexão entre a uma adequada teorização e formação por parte das escolas de turismo em relação à prática profissional. Na visão dos autores isso ocorre pois, muitas vezes, os cursos de turismo, passam a serem criados e abordados com base em perspectivas de áreas acadêmicas não aplicadas, que negligenciam ou mesmo omitem o caráter prática da atividade profissional do turismo, formando assim profissionais teóricos desconectados da realidade empírica.

Ansarah (2002) acrescenta que a carência de formação prática do profissional do turismo leva a um desequilíbrio entre as reais necessidades do setor e a formação dos estudantes. Essa carência é verificada muitas vezes nos cursos de graduação em turismo, que por vezes priorizariam apenas os aspectos teórico-conceituais e subvalorizam os aspectos práticos requeridos pela profissão.

Há também a carência relativa aos profissionais técnicos para exercerem atividades operacionais, os profissionais da linha de frente do setor de serviços. Cursos profissionalizantes,

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

como os oferecidos pelo Senac, IFETs, dentro outros, são minoria, uma vez que a grande maioria dos cursos de turismo no Brasil se deu em nível de graduação – ao contrário do cenário internacional, como por exemplo dos EUA – (TRIBE; AIREY, 2008), o que gerou um descompasso entre a quantidade (excessiva) de pessoas formadas para ocupar cargos intermediários e superiores e a quantidade (limitada) de pessoas formadas para ocupar cargos operacionais, gerando assim uma pressão do mercado sobre a força de trabalho sobre-qualificada, mas sem postos em quantidade suficiente para absorvê-la, a aceitar cargos que teoricamente seriam destinados (e facilmente preenchidos) por pessoas como formação técnica-operacional.

Assim, o contingente excessivo de profissionais turismólogos dispostos no mercado de trabalho aliado a desequilibrada oferta de cursos de qualificação profissional e à diversidade de áreas afins em que a atividade turística se desenvolve – e que, portanto, poderia, *a priori*, absorver os profissionais de turismo tem gerado um hiato entre profissionais superqualificados demandados pelo mercado para ocupar posições elevadas no mercado de trabalho turístico – isto quando estas posições não são preenchidas por profissionais de outras áreas, o que é inclusive a situação mais comum – e a excessiva oferta de pessoas com formação superior, mas que ocupam vagas de cargos técnicos, enquanto há uma ausência de formação destes últimos.

O impacto desta situação é notório. Os profissionais de turismo precisam ser capazes de apresentar uma grande quantidade e variedade de ações em relação a um meio amplo e estar em constante mudança para serem absorvidos pelo mercado (TRIGO, 1998; ANSARAH, 2002). De acordo com Degrazia (2005) o mercado atual exige que o profissional tenha bagagem teórico-prática estruturada em conhecimentos diversificados muito além da sua própria área de formação. Tais demandas parecem ser incondizentes com a atual realidade.

Corroborando com esta argumentação, Ansarah (2002) afirma que o profissional do turismo necessita desenvolver uma ampla formação, tendo como base capacidades e habilidades próprias para atividades, como: a) a capacidade criar; b) ter habilidade para introduzir novas tecnologias; b) saber se utilizar de novos processos e formas de organização; c) capacidade de se adaptar às novas situações (fator chave para o sucesso das empresas); d) buscar índices de produtividade elevados e constantes (o principal objetivo para a sobrevivência dos profissionais). Ruschmann (2002, p. 9) acrescenta que o trabalho na área do turismo, requer do profissional além da capacitação técnica, o desejo de servir, uma vez que “o sentido principal da profissão é o da prestação de serviços”. Corroborando com o sentido desta perspectiva Demo (2005) acrescenta que, além disso, é essencial ser “mentor” de sua profissão e saber renová-la constantemente.

Barretto (2001) também acrescenta outra variável ao sugerir que a formação dos profissionais em turismo na América Latina utiliza um modelo de origem espanhola, de acordo com a autora é uma formação profissional eclética, onde estes são capazes de atuarem na área técnica, na operacional e também na área de pesquisa. Mas ao mesmo tempo a autora aborda uma contradição nesse esquema, argumentando que “o bacharel em turismo é esse

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

superprofissional que pode ser tanto um garçom quanto secretário de Estado. Serão realmente possíveis tanta flexibilidade e polivalência?” (BARRETTO, TAMANNI, SILVA, 2004, p. 37).

Sobre esta flexibilidade do mercado Ansarah (2002) apresenta uma visão dele de acordo com a formação, dada por níveis: primeiro nível (operações); segundo nível (chefia de operações); terceiro nível (serviços técnicos); quarto nível (direção/gestão) e; quinto nível (serviços de logística). A autora esclarece que apenas no terceiro e no quarto níveis estão os cargos que exigem a formação superior. Porém, em sua maioria, essas atividades se apresentam mais como ocupações do que como atividades profissionais. Além disso, quando são consideradas atividades profissionais elas se colocam numa intersecção de vários campos de formação não sendo específicas dos turismólogos, que exigem uma formação própria e que restringem a prática profissional daqueles que não a detém. Assim, apesar da atividade turística se relacionar com diversas áreas e com isso fornecer múltiplas possibilidades de inserção profissional, são, por outro lado, poucas as áreas que carecem de uma formação profissional específica em turismo.

Toda essa diversidade, amplitude de atuação e flexibilidade parecem se traduzir na dificuldade de aquisição de uma formação de saberes e competências específicas relacionadas à atuação profissional. Essa falta de homogeneidade e coesão, por sua vez, tem levado à dificuldade de estabelecimento de currículos para a formação dos alunos e a inserção e fixação destes no mercado de trabalho.

### 3. Metodologia

Esta pesquisa fundamenta-se nas ideias de comensurabilidade paradigmática, portanto sua realização baseou-se no processo de triangulação e em abordagens multiparadigmáticas. Sua natureza, quanti-qualitativa, se deveu ao fato de, para captar a diversidade de representações e práticas sociais inerentes ao campo turístico, seus diferentes agentes e sua topografia social, ser necessário ultrapassar os limites estreitos de técnicas de pesquisa específicas de objetos singulares. Assim, para nos aproximarmos da complexidade da realidade social, recorreremos à pesquisa quantitativa com vistas a coletar, padronizar, sistematizar e analisar um grande volume de dados relacionados a variáveis discretas e mensuráveis e dessa forma obtermos a extensão e o mapeamento do fenômeno analisado. Já a abordagem qualitativa foi utilizada para a coleta e análise de dados relacionados à percepção dos indivíduos, bem como para o aprofundamento da investigação de determinadas questões, onde se buscou levantar razões, valores, motivações, etc.

Além da pesquisa bibliográfica e documental, levantamento de dados secundários e estatísticos, como técnica de coleta de dados utilizou-se o questionário misto (Malhotra 2007), predominantemente estruturado sob a forma de questões fechadas, mas com algumas questões abertas, com vistas a se captar percepções aprofundadas dos entrevistados, em termos de razões ou justificações para determinadas respostas. A finalidade das questões fechadas foi possibilitar



# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

um panorama acerca das características sociodemográficas dos alunos, bem como o perfil de sua participação junto ao curso de graduação

Já as questões abertas foram colocadas, ao final do questionário, a fim de possibilitar a captação dos sentidos atribuídos pelos alunos a respeito de pontos específicos de sua formação e sua atual inserção no mercado de trabalho. Deste modo a inserção da abordagem qualitativa seu deu com o intuito de minimizar possíveis dúvidas e ambiguidades, através da análise em profundidade nas informações de detalhes de fenômenos.

A seleção dos sujeitos de pesquisa, que no escopo deste artigo refere-se aos alunos do 4ª ao 8ª período do curso de turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG), obedeceu amostragem estratificada proporcional, que “[...] caracteriza-se pela seleção de uma amostra de cada subgrupo da população considerada” (GIL, 1989, p. 95) podendo estes se delimitar a subgrupos com propriedades como sexo, idade, classe social, dentre outros. No caso em questão, a estratificação se deu pelo período do curso.

A composição da amostra se deu de forma aleatória simples. Considerando o universo os egressos do curso de graduação em turismo. O curso de turismo da Universidade Federal de Juiz de Fora possui cerca de 11 anos e é oferecido nos turnos diurno e noturno. Com o objetivo de visualizar o mercado de trabalho do Bacharel em Turismo, foram identificados como população da pesquisa os formados em Turismo pela UFJF, como base os anos de 2003 a 2010.

Os questionários foram enviados por email ao contato que o mesmo obtinha o vínculo com a coordenação do curso. Devido à escolha da abordagem citada, considerando a inviabilidade de localizar os egressos do curso, a taxa de retorno foi consideravelmente baixa constituída de 35 formados.

**Tabela 1: Amostra da Pesquisa**

| Subgrupo | Questionários Respondidos | Questionários utilizados | Estimativa da População |
|----------|---------------------------|--------------------------|-------------------------|
| Egressos | 35                        | 35                       | 1120                    |

Fonte: Elaboração própria a partir dos da pesquisa.

Para o tratamento e análise dos dados quantitativos foi utilizada a estatística descritiva simples. (FIGUEIREDO, 2007). Além disso, recorreremos ao uso do cruzamento de questões a fim de checar, apurar e aprofundar a análise. Já para o tratamento qualitativo utilizou-se a técnica de análise do conteúdo (BARDIN, 1977).

Como forma de tratamento de dados utilizar-se-á a Análise de Conteúdo (AC), proposta por Bardin (1977), e advogada por Triviños (1987, p.159) que defende que qualquer técnica deve estar ancorada em um suporte teórico condizente com a proposta de desenvolvimento metodológico, pois, só assim, a técnica possui respaldo e valor dentro da, e na pesquisa, conferindo-lhe valor científico. Ainda de acordo com Triviños (1987) a AC, enquanto procedimento de análise científica, e presta ao estudo “das motivações, atitudes, valores, crenças tendências” (Triviños, 1987, p. 159).

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Por definição a AC pode ser considerada como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, obter indicadores quantitativos ou não, que permitem a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) das mensagens” (BARDIN, 1977, p. 160). Triviños (1987) acrescenta que a AC é útil para desvendar ideologias por trás dos discursos e ações e que não se apresentam de modo claro.

Triviños considera ainda que AC estrutura-se basicamente sobre 3 partes distintas, porém complementares: a) pré-análise, que consiste nos processos de classificação, ordenação e leitura “flutuante” de todo o material coletado, com vistas a obter um panorama geral do estudo e delimitar possíveis recortes e hipóteses de estudo; b) a descrição analítica, que começa com a delimitação do recorte a ser estudado, ainda na pré-análise, e tem o objetivo focar o copus que deverá ser estudado de modo aprofundado. Nessa fase, aplicam-se os procedimentos de codificação, classificação e categorização do material coletado, por critérios de afinidade, como por exemplo, o perfil profissional, ou a atuação profissional, entre outros; c) já a fase de interpretação corresponde à análise do material baseado na reflexão e intuição, relacionando o conteúdo manifesto do texto (enunciado explícito) com o conteúdo latente (ou implícito, ou seja, aquele que não é dito/explicitado no texto) a fim de descobrir as ideologias, tendências, ou fenômenos sociais expressos no material coletado.

## **4. A Formação Profissional Superior na Visão dos Ex-Alunos/ Atuais Profissionais**

### **4.1 Dados Sócio-Demográficos**

Do total de ex-alunos entrevistados 74,3% são do sexo feminino e 25,7% masculino. A faixa etária da amostra revela que 48,6% possuem idade entre 22 a 26 anos, 42,9% entre 27 a 31 anos e apenas 8,6% com idade superior a 31 anos. A maioria dos egressos declarou-se de etnia branca 71,4%, contra 14,7% pardos, 5,7% amarelos, 2,9% negro e 5,7% não respondeu a questão.

Quando indagados sobre sua situação de residência, a pesquisa revelou que a porcentagem da amostra que mora com os pais é de 37,1%. Outros 25,7% moram sozinho, 17,1% em república e 20% residem com o esposo (a), amigos, parentes e irmãos.

A respeito dos gastos mensais 62,9% dos entrevistados relataram gastar mais de 800 reais por mês, sendo que 20,0% gastam entre 201 a 400 reais e 17,1% gasta 401 a 800 reais por mês. Na pesquisa procurou-se levantar a origem dos recursos que sustentam os profissionais formados em turismo. De acordo com os dados obtidos 62,9% da amostra afirma que seus recursos provêm do seu próprio trabalho. Já 25,7% dos entrevistados admitiram que recebem recursos de seu trabalho, mas que também dependem parcialmente do seus pais. Ressalta-se que 85,7% dos entrevistados não possuem dependentes. Dentre os demais 14,3%, que mencionaram ter dependentes, os vínculos mencionados foram filhos, irmãos.

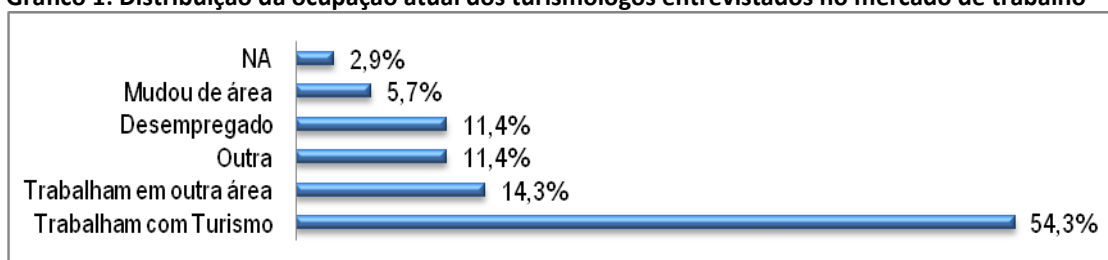
# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

## 4.2 Atuação no mercado de trabalho, habilidades e competências requeridas

Quando indagados sobre sua atual área atuação no mercado de trabalho 54,3% disseram que trabalham na área do turismo, 14,3% trabalham em outra área, 11,4% estão desempregado, 5,7% mudaram de área, 11,4% outros e 2,9% não responderam, conforme se vê no gráfico abaixo.

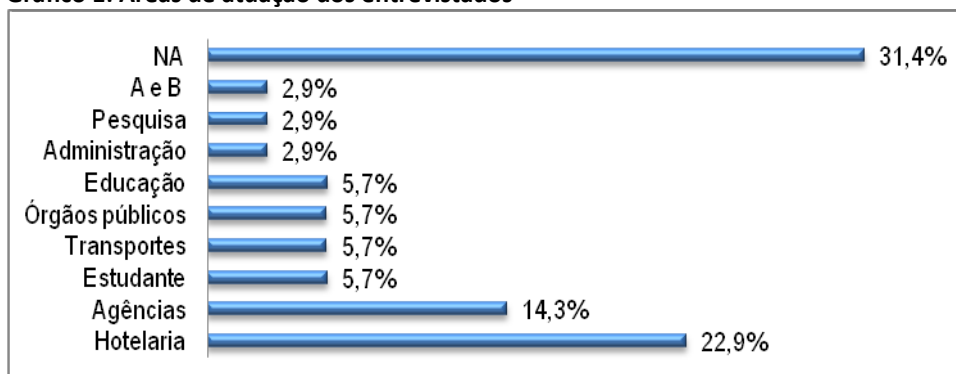
**Gráfico 1: Distribuição da ocupação atual dos turismólogos entrevistados no mercado de trabalho**



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa (2012).

Aos egressos que atuam no turismo, questionou-se em que segmento específico eles atuavam a fim de identificar as áreas que mais empregam os alunos oriundos dessa formação. O maior segmento de atuação dos entrevistados é a hotelaria abrangendo cerca de 22,9% da amostra, seguido pelas agências com 14,3% dos entrevistados. Observa-se que um subgrupo intermediário de ocupações concentrou 5,7% das respostas para cada uma das atividades de educação, órgãos públicos, transportes e continuação de estudos; ao passo que 2,9% dos entrevistados atuam em pesquisa, administração e A&B.

**Gráfico 1: Áreas de atuação dos entrevistados**



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa (2012).

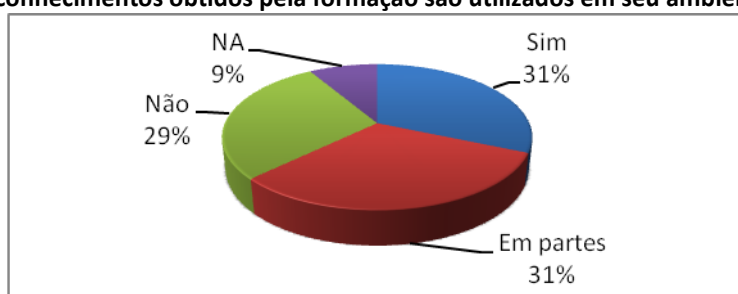
Questionados se os conhecimentos adquiridos na graduação eram utilizados no mercado de trabalho, os entrevistados foram classificados em três conjuntos de modo a quantificar a repetição de um padrão de resposta. Esses conjuntos foram: “sim”, “não” e “parcialmente”. Como

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

se observado no gráfico, cerca de 62% dos egressos utilizam o conteúdo ministrado na graduação ou ao menos, uma parte dele. A análise de conteúdo, além de permitir a apresentação das respostas de forma quantificada, possibilitou descrever o perfil dos alunos que correspondem a cada um dos conjuntos definidos acima e apontar, mais uma vez, em quais níveis de atuação do turismólogo a graduação oferecida pelo curso de turismo da UFJF apresenta seus pontos positivos e negativos.

**Gráfico 2: Esses conhecimentos obtidos pela formação são utilizados em seu ambiente de trabalho? Como?**



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa (2012).

Os egressos que responderam “sim”, compondo 31% da amostra, definem-se por destacar as oportunidades vindas pela passagem na UFJF alegando ter caráter decisivo para conseguirem estágios e realização de projetos. Ressaltam também a importância de disciplinas específicas e as de áreas administrativas e atribuem às interações com colegas alunos e professores como importantes para sua formação. Em suas falas, ressalta-se a utilização de termos e noções de gestão e interação com pessoas de outras culturas, além da importância de variadas disciplinas e da multidisciplinaridade do curso, conforme apontado nos trechos abaixo:

*“[...] eu trabalho como sales manager, recepcionista, community manager e revenue manager, daí a importância de que o curso de Turismo seja multidisciplinar (administração, estatística, marketing, etc). (Entrevistado 9).*

*“Dediquei na minha passagem pela UFJF, aprofundar-me na área de hotelaria, fiz estágios (quase de graça/ sem remuneração) que foram essenciais para contribuir com minha formação e promoção depois de formada”. (Entrevistado 13).*

*“[...] Algumas disciplinas como antropologia, psicologia, filosofia e até finanças complementam esse conhecimento e auxiliam no dia-a-dia. Afinal, estou lidando com pessoas o tempo todo e várias culturas, a começar pela tripulação a qual iremos acompanhar em uma jornada (cada um é de um lugar), pelos passageiros (que têm ou não certos costumes,[...] e até a empresa em que trabalho ou em outras empresas congêneres ou do setor turístico. Com certeza o olhar do turismólogo faz toda a diferença, quanto mais se a formação for consolidada e*

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

*aliada à aptidão de cada um é o que destaca um profissional de outros.” (Entrevistado 34).*

*“Sim, no que tange ao conhecimento obtido na disciplina de Eventos, pois trabalho exatamente com isso: montagem de checklist, solução de imprevisto, sugestão de ideias, cerimonial e protocolo.” (Entrevistado 24).*

O segundo grupo, classificados no conjunto “parcialmente”, também apresentaram 31% dos resultados. Em alguns casos, esse grupo, diferentemente do anterior, colocam a UFJF, isoladamente do curso de turismo, como importante responsável pela sua formação. Segundo eles, a principal fonte de formação dos conteúdos utilizados no mercado de trabalho veio de sua própria procura e sempre remetem à necessidade de uma complementação da graduação oferecida. Alguns apontam **experiências extracurriculares**, como a Rumos (Empresa Junior de Turismo da UFJF) e projetos de ensino, pesquisa extensão, como responsáveis “integrais” por seu aprendizado e posição atual no mercado de trabalho.

*“Utilizo sim os conhecimentos na minha área no meu ambiente de trabalho, contudo muitos destes eu não aprendi no curso e sim com a experiência”. (Entrevistado 6)*

*“Sim, hoje trabalho na área de treinamento e desenvolvimento em uma empresa de Administração Hoteleira e devo integralmente este rumo que minha carreira tomou à minha participação na Rumos [...] pois o curso se foca muito em disciplinas teóricas/políticas públicas e deixa de explorar áreas administrativas que, ao meu ver, são as que apresentam maior possibilidade de sucesso na carreira”. (Entrevistado 25).*

Com relação à complementação da formação também é destacada por esse grupo a importância do conhecimento adquirido por meio dos profissionais não formados em turismo, mas com muito tempo de trabalho na área que são responsáveis pela complementação ou integralidade da formação do egresso.

*“Quase nada! Tudo que faço hoje eu aprendi com pessoas que nem formadas em turismo são, mas que já trabalham na área (há) muito tempo”. (Entrevistado 7)*

Alguns afirmam não trabalhar mais com a área de turismo, mas mesmo assim enxerga aplicabilidade do conteúdo no que faz atualmente. Outra citação de merecido destaque apontada por esse grupo é a procura por complementar os conceitos apresentados na faculdade de turismo através de outros cursos, eventos, experiências e especialização como pode ser observado das frases abaixo:

*“São pouco utilizados no ambiente de trabalho, mas a formação em si é essencial para a formação pessoal e desenvolvimento necessários para ingressar no mercado de trabalho”. (Entrevistado 8)*

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

*“A parte conceitual do mercado turístico adquirida na universidade serviu de base para eu buscar por meio de cursos, bibliografias, eventos, experiências, etc, o conhecimento da realidade do mercado (fluxos, estrutura das empresas, ordenação do mercado, instituições públicas e privadas envolvidas, tendências, programa de incentivo, produção associada, foco em segmentos específicos) para poder desenvolver meus projetos e trabalhos nos quais me envolvi [...]”.* (Entrevista 19)

*“[...] Por atuar, como turismóloga, em órgão público da área de meio ambiente, tive ainda que buscar conhecimento específico sobre administração pública e gestão ambiental”.* (Entrevistado 19)

*“Atualmente estou terminando uma especialização e trouxe para esta nova área conhecimentos que iniciaram na graduação”.* (Entrevistado 1)

Composto pelos egressos que afirmaram não utilizar o conteúdo oriundo da graduação (29%), o último grupo apresenta considerações peculiares e um perfil bem distinto. As duas características marcantes é o abandono da área por alguns e a impossibilidade de estabelecer relações entre a formação e o trabalho que exerce na área de turismo. Alegando que a formação em turismo falhou em não alcançar todas as atividades possíveis de um turismólogo, esses egressos adquirem os conhecimentos necessários através de profissionais da área não formados e/ou pela pró-atividade com relação aos estudos:

*“Não, trabalho com vendas de pacotes turísticos e em nenhum momento do curso aprendi sobre como vender destinos. O que sei hoje é reflexo de pesquisas e cursos feitos fora da formação em Bacharel em Turismo”.* (Entrevistado 35)

Os egressos também apresentaram os motivos que os levam a abandonar a área de turismo. A maioria dos motivos está ligada a problemas encontrados no trabalho devido: (1) a não regulamentação da profissão que dificulta o reconhecimento da profissão pela sociedade; (2) não existência de planos de carreira e perspectiva de crescimento uma vez que qualquer profissional pode realizar as atividades do turismólogo; (3) os salários são baixos na relação entre custo e benefício quando se considera os anos de faculdade e esforços durante esse período. Além disso, alguns egressos consideram realizar outra formação acadêmica.

A pesquisa procurou uma averiguação por parte dos entrevistados com intuito de ressaltar consonâncias entre a satisfação com o curso e o posicionamento do egresso no mercado, visando identificar se o egresso atribui relações entre sua formação e seu lugar no mercado. Assim, quando indagados sobre como **avalia seu posicionamento no mercado com sua formação**, cerca de 40% responderam estar bastante satisfeitos, 20% razoavelmente satisfeitos, 14,3% muito insatisfeitos, 11,4% pouco satisfeitos. Apenas 8,6% indicou estar extremamente satisfeito e 5,7%

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

não responderam.

Aos entrevistados insatisfeitos com sua colocação no mercado, a pergunta destinara era a quais áreas de trabalho se voltaria caso mudasse de atividade profissional. Em sua maioria, destacaram o serviço público, seguidos por ensino e pesquisa. Alguns também destacaram a possibilidade de trabalhar com áreas relacionadas ao turismo, uma vez que não as desenvolvem atualmente. Esses últimos citaram como principal destino as agências, operadoras, hotelarias e eventos.

Por exemplo, ao se questionar a **visão dos egressos sobre o mercado de trabalho** de um Bacharel em Turismo, cerca de 20% responderam que há muitos profissionais formados e poucas vagas de trabalho. Outros 20% afirmam que as instituições de ensino estão descoladas da realidade prática do setor e do que as empresas precisam. Com uma característica muito similar com a afirmação anterior 17,1% dos entrevistados acredita que o perfil desejado pelas empresas não é o mesmo daquele dos profissionais formados nas instituições de ensino. Há entrevistados (14,3%) que consideram que existem vagas não preenchidas em postos mais elevados porque as empresas querem “superprofissionais”, enquanto que os postos de trabalho mais baixos são essencialmente operacionais. Por outro lado, 8,6% dos entrevistados destacam que há vagas para todos e instituições que fornecem uma ótima formação, devendo o aluno exercer seu papel ativo neste processo. Outros motivos somaram 11,4% e 7,2% dos entrevistados afirmam que todas as questões estão corretas.

Tentamos captar e identificar o significado subjacente às questões fechadas, de forma mais profunda, recorreremos à análise qualitativa do mercado de trabalho do turismólogo, conforme se vê nos trechos a seguir:

*“Há uma distribuição irregular de profissionais e vagas. Há lugares que existe uma grande dificuldade de contratação de profissionais da área enquanto em outros lugares estão sobrando recém-formados desempregados. A remuneração das ocupações principalmente operacionais fica aquém do esperado. Isso desestimula o profissional a continuar trabalhando na área”. (entrevistado 8)*

*“Um bacharel de turismo, na minha concepção – ou pela minha vivência no mercado -, é só mais um profissional. Hoje, diploma universitário é básico, todo mundo tem. É o mínimo! O exercício e a dedicação tornarão qualquer jovem num ótimo profissional, tenha ele formação ou não. Especialmente nessa área”. (entrevistado 29).*

Complementarmente, a pesquisa buscou identificar, segundo a percepção dos entrevistados, **como o mercado de trabalho percebe o turismólogo**. Dos dados coletados, 51,4% afirma que o mercado percebe a profissão de turismólogo como uma atividade razoavelmente conhecida, mas pouco profunda, carecendo ainda de maior profissionalização. Ainda em um ambiente de incertezas sobre a profissão, 37,1% acha que o mercado de trabalho vê o turismólogo

# X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

como uma pessoa que exerce atividades ainda desconhecidas e com pouca clareza sobre que se pode fazer e em que segmento de mercado atuar. Cerca de 6%, por sua vez, afirma que a área é bem conhecida e com um mercado de trabalho já claro e bem definido, enfatizando a atividade como bem desenvolvida e com uma ótima inserção no mercado de trabalho.

### 4.3 Identificação da aquisição de habilidades e competências durante os estudos

Uma vez identificadas a participação relativa do bacharel em turismo no mercado de trabalho, as competências requeridas pelas organizações absorvedoras desse profissional e a percepção do mercado em relação à profissão, bem como do profissional em relação ao mercado; buscou-se num terceiro momento da pesquisa identificar se as habilidades utilizadas no mercado de trabalho e aptidões que foram desenvolvidas no período acadêmico que diferenciam os egressos dos demais profissionais.

Os dados mostraram que 22,9% responderam ter domínio de idiomas e capacidade de lidar com público. Outro diferencial dos graduados, conforme a pesquisa, é o domínio de técnicas de análise e gestão aplicadas a empreendimentos turísticos com 11,4%. Cerca de 6% citaram a capacidade de analisar fluxos turísticos, indicadores e estatísticas do setor e planejar um sistema turístico a fim de adequá-lo aos turistas. Nessa questão 14,3% marcaram outra. 37,1% não respondeu essa questão.

É importante ressaltar o elevado índice de não respostas a essa questão, o que sugere ainda a falta de uma competência específica do turismólogo, sobretudo, frente a diversidade de áreas em que tem (ou pode) atuar, conforme sugeriram teoricamente (BARRETTO, 2001; RUSCHMANN, 2002; HOERNER; SICART, 2003; MOTA, 2007). Além disso, as habilidades de idiomas e de gestão, oriundas de outras áreas do conhecimento, não são habilidades específicas do profissional em turismo mas apenas meios para o desenvolvimento de habilidades específicas. Apesar disso, elas são mais enfatizadas do que a análise de fluxos e sistemas turísticos, que supostamente seria uma habilidade específica do turismólogo, e que concentra apenas 6% das respostas, ficando em 5º lugar.

A partir dos dados, é possível inferir que os graduados não tem clareza sobre o domínio de uma competência específica do profissional turismólogo. Como consequência parece haver alguma dificuldade em estabelecer relações entre suas tarefas e habilidades com a carga formativa adquirida na graduação. Isso é corroborado pelas palavras de um dos entrevistados:

*“[Não desenvolvi habilidade específica] Nenhuma, visto que o idioma eu aprendi em curso particular fora da universidade, e não se aprende a mexer em sistemas específicos do setor. Não é a toa que o cargo que ocupo no hotel, dos 8 integrantes deste mesmo cargo apenas eu e mais um somos formados em turismo, e somente eu e mais 2 sabemos falar outro idioma”. (Entrevistado 12).*



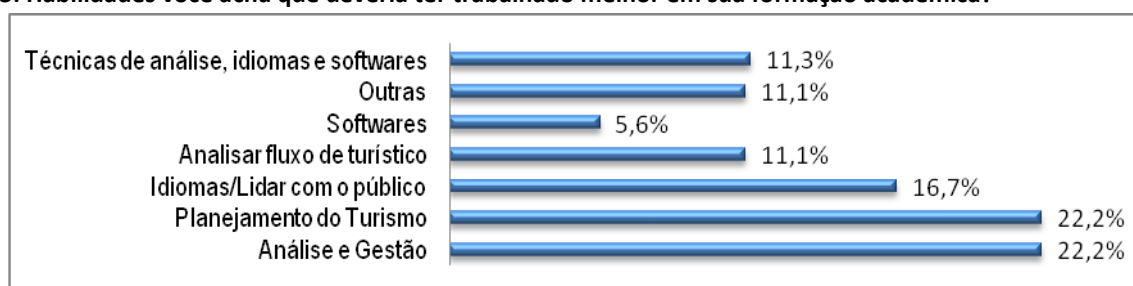
# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

*“Em minha atuação profissional, essas habilidades técnicas não são requeridas”.  
(Entrevistado 18).*

Quando questionados sobre as **habilidades que os diferenciam dos outros profissionais** ou quais delas deveriam ter desenvolvido na formação acadêmica, a amostra apresentou uma considerável evasão: cerca de 48,6% não responderam essa questão. Entretanto, conforme o gráfico abaixo, dos 51,4% da amostra restante que a respondeu, destacaram as seguintes dificuldades:

**Gráfico 3: Habilidades você acha que deveria ter trabalhado melhor em sua formação acadêmica?**



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da pesquisa (2012).

A partir da heterogeneidade das percepções dos alunos com relação a sua faculdade e seu desdobramento no mercado de trabalho, fez-se necessário avaliar as interfaces e a aplicação que os alunos dedicaram à sua formação acadêmica. Baseado na premissa da avaliação do curso, o entrevistado foi convidado a se autoavaliar em sua dedicação estudantil e, a partir daí, delinear um perfil capaz de apresentar respostas às indagações da pesquisa. Essa abordagem procura destacar pontos em comum entre a dedicação ao estudo e o êxito profissional. Cerca de 54,3% diz ter se dedicado muito e conseguiu um bom emprego. Outros 14,3% dizem ter realizado uma significativa dedicação, porém a oferta de profissionais no mercado, por ser muito grande, dificulta a obtenção de um “bom emprego”<sup>3</sup>.

Os demais 31,9% afirmam não terem se dedicado da forma que achavam devida. Entretanto, ocupam variados tipos de trabalhos chamados por eles de “bons empregos”, “empregos ruins”, atividades fora da área do turismo, empresas familiares, entre outras considerações colocadas pelos entrevistados. Um exemplo da dedicação dos alunos foi aferido através das horas disponíveis para estudo *versus* as horas efetivamente dedicadas aos estudos semanalmente.

Quanto as **horas de estudo disponíveis** dos formados enquanto alunos de graduação, 34,3% responderam que dispunham de 2 a 5 horas por semana aos estudos; 25,7% de 5 a 10

<sup>3</sup> A expressão “bom emprego” foi utilizada pelos entrevistados. Compreende um sentido vago em que a presente pesquisa não se ateve em descrevê-lo.

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

horas, 22,9% de 10 a 20 horas; 11,4% até duas horas; 5,7% mais de 20 horas. Quanto às **horas efetivamente dedicadas aos estudos**, obteve-se que 45,7% dedicaram mais de 5 horas, 37,1% dedicaram de 2 a 5 horas (em média, menos de uma hora por dia útil), 8,6% de 1 a 2 horas, 5,7% até 1 hora, 2,9% não respondeu.

Na sequência, questionou-se aos mesmos se eles consideravam que **o tempo dedicado aos estudos fora de aula era suficiente** para o aprendizado 71,4% responderam que sim. Os demais responderam que não e utilizaram justificativas para isso, como, a falta tempo (5,7%); desinteresse/desmotivação (5,7%); preguiça (2,9%); falta de aplicabilidade do que está sendo estudado (5,7%) entre outros aspectos como motivos que os levaram a um estudo aquém do estimado.

## 5. Considerações Finais

Este artigo apresentou um levantamento realizado junto aos egressos, descrevendo as percepções e expectativas dos graduados do curso de turismo quanto à formação profissional e qualificação em turismo, antes, durante e após a sua formação superior a fim de correlacionar estas informações à sua inserção e posição atual no mercado de trabalho.

Quanto ao perfil sócio demográfico, a amostra é majoritariamente composta por alunas, brancas, entre 22 e 26 anos, que moram com os pais. Os recursos financeiros que permitem sua manutenção na universidade têm origem de sua atividade remunerada. Estão presentes no mercado de trabalho de sua área, majoritariamente em hotelaria e agencias de viagens. O conhecimento adquirido na graduação não é de todo utilizado no trabalho destacando o deslocamento da realidade prática com as propostas pedagógicas do curso, dificuldade essa levantada por Hoemer e Sicart (2003).

No tocante à expectativa quando ao mercado de trabalho, afirmam que o turismo é razoavelmente conhecida e pouco aprofundada, carecendo de profissionalização. Avaliam sua aplicação ao estudo como suficiente e, primavam antes de sua formação por um conteúdo amplo e geral com parte teórica generalizante e um foco aplicativo a uma das áreas específicas (hotelarias, agencias entre outras).

Os egressos possuem dificuldades de estabelecer relações entre as tarefas e habilidades e a carga formativa como também não possuem de forma consolidada as competências específicas do profissional turismólogo característica apontada por Hoemer e Sicart (2003), Degrazia (2005), Trigo (1998), Ansarah (2002), Barreto, Tamanni, Silva (2004).

Para os entrevistados, o diferencial no mercado de trabalho que apresentam é o planejamento do Turismo e análise de gestão. Eles destacam que a expectativa com relação ao curso não foram atendidas identificando dilemas entre a teoria e prática, generalização e funções específicas, e a atualização da grade curricular. A sociedade por sua vez, segundo os entrevistados,

# X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

coloca a formação do turismólogo como desnecessária de graduação.

## REFERÊNCIAS

- AIREY, D.; TRIBE, J. **Educação Internacional em Turismo**. São Paulo: Editora SENAC, 2008.
- ANSARAH, M. G. dos R. Formação e capacitação em turismo e hotelaria: reflexões e cadastro das instituições educacionais no Brasil. São Paulo: Aleph, 2002.
- ANSARAH, M. G. dos R. Turismo: Como aprender, como ensinar. Vol. 2
- ÁRIAS, A. R.; ZAMBONI, R. A. Sistema integrado de informações sobre o mercado de trabalho no setor turismo no Brasil: a experiência do IPEA. Março de 2006.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARRETTO, M; TAMANINI, E; SILVA, M. Discutindo o ensino universitário de turismo. São Paulo: Papirus, 2004.
- COSTA, I. O. da. A Formação do futuro egresso do curso de Bacharelado em Turismo: preparando empreendedores para a prática profissional. Publicado na Revista Global Tourism, v. 02, 2005.
- DEGRAZIA, C. F. Construindo Competências na Formação Profissional em Turismo. Revista Global Tourism, v. 02, n. 1, 2005.
- DENCKER, A. de F. M. Estado e Educação no Brasil: o Caso do Ensino de Turismo. Trabalho apresentado ao NP Comunicação, Turismo e Hospitalidade, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2006.
- FERNANDES, L. C. O perfil do profissional de hotelaria e suas competências frente ao mercado de trabalho: Um estudo de caso sobre a percepção de alunos, professores e gestores. Universidade Federal de Juiz Fora, 2009.
- FIGUEIREDO, F. Estatística Descritiva e Probabilidades. Portugal: Escolar Editora, 1ª ed. 2007.
- HOERNER, J. ; SICART, C. *La science du tourisme: précis franco-angais de tourismologie*. França: Balzac, 2003.
- LACERDA, A.C. Economia brasileira. 3ª. Edição. São Paulo, Saraiva, 2006.
- MACHADO, F. de A. Atuação profissional dos egressos dos cursos de turismo: estudo de caso em uma instituição de ensino superior de Belo Horizonte
- MALHOTRA, N. Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada. Tradução Laura Bocco; 4 ed. – Porto Alegre: Bookman, 2006.
- MOTA, K. M. Formação Superior em Turismo na Unifor/CE: Proposta, realidade e reflexo. Anuário de pesquisa do programa de pós-graduação-mestrado em Turismo, 2007.
- RUSCHMANN, D. *Turismo no Brasil*. Barueri (SP): Manoele, 2002.
- TRIGO, L. G. G. Prefácio. In: AIREY, D.; TRIBE, J. *Educação Internacional em Turismo*. São Paulo: Editora SENAC, 2008.